9527

Palotina (PR). Devido à sua rápida disseminação e aos prejuízos causados, procurou-se identificar cultivares resistentes entre aquelas já liberadas aos produtores. Das 108 cvs. Embrapa testadas, por inculação mecânica e visualização de sintomas de mosaico e necrose, 21 foram resistentes, 47 suscetíveis e 40 consideradas desuniformes. Este trabalho mostra a disseminação da virose no Brasil e relaciona as cultivares de soja resistentes para as diferentes regiões do Brasil.

408

RESPOSTA DE UMA POPULAÇÃO DE MAMOEIRO (*Carica papaya*) TRANSGÊNICO, E DA ESPÉCIE SELVAGEM *C. cauliflora* AO DESAFIO POR TRÊS VÍRUS QUE INFETAM MAMOEIROS NO BRASIL. AMARAL, P. P. R.[1]; ALVES, P. C. M.[2] & SOUZA JR., M. T.[2] ([1]UnB & [2]Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia E-mail: paulo@cenargen.embrapa.br) Response of a cp transgenic papaya and a *Carica cauliflora* population to the challenge by three virus infecting papaya in Brazil.

O Brasil é o maior produtor mundial de mamão, mas a produção sofre grandes perdas devidas principalmente às doenças causadas por vírus. Três vírus são encontrados infetando naturalmente os mamoeiros brasileiros: o *Papaya ringspot virus* (PRSV), o agente de maior impacto fitossanitário para o mamoeiro; o *Papaya lethal yellowing virus* (PLYV) e o "Vírus da Meleira" (PMeV). Neste trabalho, buscou-se avaliar a reação de plantas de uma população selvagem de Carica cauliflora e de uma população de mamoeiro transgênico, contendo o gene cp de PRSV, aos três vírus citados. A avaliação baseou-se em experimentos de inoculação mecânica e análise de sintomas ou, para o PMeV, detecção da infecção por extração de ds-RNA viral extraído do látex e análise eletroforética. Das 24 plantas de mamoeiro contendo o transgene, e desafiadas contra o PRSV, apenas três foram suscetíveis. Já quanto aos outros dois vírus, os mamoeiros transgênicos foram suscetíveis. Nos testes com Carica cauliflora, foi verificada resistência à infecção com PRSV, confirmando os registros bibliográficos anteriores. Para o PMeV, foi detectado a banda de ds-RNA no gel de eletroforese para seis das oito plantas inoculadas. Para o PLYV, num primeiro grupo de oito plantas de mesma idade, quatro plantas mostraram retardo de mais de duas semanas na manifestação sintomática e uma delas apresentou sintomas apenas após receber uma terceira inoculação quatro meses após a primeira. Num segundo grupo, de doze indivíduos, também foi observada tolerância, sendo que duas permanecem sem sintomas três meses após a primeira inoculação. Em todos os experimentos, as plantas de mamoeiro comum de controle inoculadas mostraram sintomas.

409

AVALIAÇÃO DE DIFERENTES MÉTODOS DE INOCULAÇÃO DA MELEIRA EM PLANTAS JOVENS DE MAMÃO. ANDRADE, J. S.[1]; VENTURA, J. A.[1]; RODRIGUES, S. P.[2]; FERNANDES, P. M. B.[2]; TATAGIBA, J. S.[1] & COSTA, H.[1] ([1]INCAPER & [2]UFES E-mail: ventura@incaper.es.gov.br) Evaluation of different methods for inoculation of sticky disease on young papaya plants.

A meleira do mamoeiro é uma das principais doenças viróticas do mamoeiro (*Carica papaya* L.) no Brasil. A necessidade de avaliar genótipos de mamoeiro com resistência ao vírus nos programas de melhoramento e realização de estudos epidemiológicos da doença tornam importante o desenvolvimento de um método eficiente para inoculação do vírus em plantas jovens. Com este objetivo foram avaliados quatro métodos de inoculação, em casa de vegetação, utilizando-se plantas jovens da cv. Sunrise Solo (grupo Solo), com três meses de idade, após plantadas em vasos de aproximadamente 8 kg de capacidade. Os métodos de inoculação foram: 1- corte do limbo foliar e imediata inoculação do vírus; 2- corte do pecíolo e imediata inoculação do vírus; 3- ferimento do limbo foliar com abrasivo e inoculação do vírus; e 4- injeção no ápice das plantas. Como testemunha foram usadas plantas não inoculadas. O experimento foi realizado com um delineamento inteiramente casualizado, com cinco repetições. As plantas foram monitoradas a cada 15 dias após a inoculação, retirando-se 100 ml de látex para determinação molecular da presença do dsRNA do vírus (Fitopatologia Brasileira 18:118-122, 1993; Virus Reviews & Reasearch, v. 7, n. 1, 2002). Apenas o método de injeção foi eficiente na inoculação do vírus, sendo detectada a presença do dsRNA no látex das plantas 15 dias após a inoculação.

410

SEQÜENCIAMENTO DA REGIÃO 3-TERMINAL DO RNA DO VÍRUS LATENTE DA COUVE ("*Cole latent virus*", CoLV). BELINTANI, P.[1]; GASPAR, J. O.[1] & CAMARGO, L. E. A.[2] ([1]UNESP/IBILCE & [2]ESALQ/USP E-mail: belintan@webmail.ibilce.unesp.br) Partial sequencing of the 3-terminal region of *Cole latent virus* RNA.

O Vírus latente da couve (CoLV) foi detectado pela primeira vez em Brassica oleracea var. acephala no Estado de São Paulo. Baseado em suas propriedades morfológicas e patológicas, o vírus foi considerado como um carlavirus (Kitajima *et al.*, 1970. Bragantia 29: 181). Recentemente, evidências moleculares vieram reforçar a inclusão do CoLV no gênero Carlavirus (Belintani *et al.*, 2002. J. Phytopathology 150: 330). No presente trabalho é descrito o seqüenciamento de aproximadamente 1.100 nucleotídeos da região terminal-3 do RNA do CoLV, que contém parte do gene da proteína capsidial, o gene da proteína 11 K e a região não codificadora. Para tanto, uma biblioteca genômica foi produzida utilizando-se um kit comercial ("Sure Clone", Pharmacia) e oligo (dT) como "primer". A seqüência parcial de aminoácidos deduzidos para a região da capa proteica mostrou maior identidade com o "*Potato virus M*, PVM" (85,6%) e "*Aconitum latent virus*, AcLV" (84,7%). Para a proteína 11K, o CoLV mostrou identidade de 52,6% com o PVM e apenas 43,9% com o AcLV. O CoLV exibiu o motivo rico em cisteínas ("zinc-finger"), altamente conservado na proteína 11K dos carlavirus. A região não codificadora apresentou 98 nt contendo um possível sinal de poliadenilação a 50 nt da cauda poli (A). Estes resultados corroboram a classificação do CoLV como uma espécie distinta do gênero Carlavirus.

411

SELEÇÃO DE GENÓTIPOS DE BATATA PARA RESISTÊNCIA AO ENROLAMENTO-DAS-FOLHAS E AO MOSAICO. BRUNE, S. & MELO, P. E. (Embrapa Hortaliças E-mail: linde@cnph.embrapa.br) Screening of potato genotypes for resistance to mosaic and leaf-roll.

A aquisição de tubérculos-semente de boa qualidade constitui o principal custo de produção para o bataticultor. Portanto é importante multiplicar os tubérculos-sementes e utilizá-los em safras posteriores, sem haver redução de produtividade. Foram avaliados 15 clones de batata, em experimentos consecutivos em campo (1999-2002). A resistência às viroses foi medida pelo nº de plantas com sintomas. No primeiro ano foram utilizados tubérculos livres de vírus e, a partir de então, colhido um tubérculo por planta, para plantio no ano seguinte. As cultivares Bintje, Achat e Monalisa foram utilizadas como testemunhas. Após três exposições de campo, oito clones mostraram-se resistentes às duas viroses, todos com incidência de mosaico e enrolamento-das-folhas significativamente menores que a cv. Monalisa. As incidências de ambas as viroses foram negativa e significativamente correlacionadas com a produtividade de tubérculos comerciais, mas apenas a incidência de enrolamento-das-folhas correlacionou-se negativa e significativamente com peso médio dos tubérculos comerciais. Foi possível identificar os genótipos suscetíveis logo após a primeira exposição de campo.

Fol.9527
A553a
2003
ex. 15567

15567